



MERCADO DO TRIGO EM BOSTON.

Capital do estado de Massachussets na União Americana, está a grande e bella cidade de Boston edificada em amphitheatro n'uma península dentro da-bahia de Massachussets. Lançaram-lhe os fundamentos os habitantes da vizinha Charles-Town em 1631 denominando-a Trimountain, nome que depois perdeu recebendo o que ora tem em veneração á memoria de M. Cotton, ministro do culto protestante na pequena cidade de Boston, do condado de Lincoln em Inglaterra, e que foi o ministro da primeira igreja estabelecida em Boston da America. É o porto da America septentrional, abaixo de Nova York, onde se faz mais commercio, e tem capacidade para quinhentos navios; em seus numerosos estaleiros se constroem embarcações de todo o lote; só tem um canal seguro para a entrada, e tão estreito que mal podem passar dois navios emparelhados, mas

VOL. I. — 4.ª SERIE.

dentro é excellente o surgidoiro. A bocca da bahia ha muitos rochedos que se descobrem ao lume d'agua, e mais de doze ilhotas, algumas das quaes são povoadas. No fundo da bahia ha um soberbo molhe de dois mil pés de comprimento, guarnecido do lado do norte de vastos armazens para as fazendas; os navios de maior porte carregam e descarregam atracados ao caes.

Boston, que no principio d'este seculo contava vinte mil habitantes, tem hoje perto de cem mil, e acha-se n'um estado florescente com todos os estabelecimentos proprios de uma grande capital, inclusivamente os de instrucção publica. Uma soberba ponte a liga com Charles-Town e é para ver o mechanismo do alçapão e levadiça, que dá passagem aos navios; por outra ponte communica com a cidade de Cambridge tambem vizinha. É patria de Benjamim Franklin, e

ABRIL, 25, 1857.

ahi tiveram logar os primeiros movimentos que geraram a independencia dos Estados Unidos. O edificio que a estampa representa foi concluido ha dois annos. M.

HOFFMANN!

Conclusão. *

III

* O phantastico de Hoffmann está ao mesmo tempo na acção e na maneira de a pôr em scena. O ornato dos seus contos é tão rico como o fundo d'elles. A sua imaginação fecunda dá aos quadros um colorido, que exclusivamente lhe pertence, e os objectos mais simples tomam, na sua mão, a apparencia de maravilhosos.»

Bédollière avalia dignamente n'estas poucas palavras a collecção dos *Contos phantasticos* de Hoffmann; e Christian completa a apreciação no seguinte trecho:

«Hoffmann possui alternativamente a phantasia de Rabelais, o brando sarcasmo de Voltaire, a sensibilidade de Bernardin de Saint-Pierre. Nos seus *Contos* depara-se com a variedade chistosa de Le Sage, a agudeza de Molière, a pungente ingenuidade de Cervantes, do fino tacto do abbade Prévost. É o livro de todos.»

Walter Scott criticou, todavia, com azedume, os livros do poeta alemão; mas é o unico homem de talento superior, que deixou de prestar homenagem ao genio do grande artista, que não segue nenhum modelo, nem pertence a nenhuma escola.

É longa a lista dos romances do nosso autor, e difficil de estremar aquelles, que devem entrar no numero dos *Contos phantasticos*. Cada uma das versões estrangeiras que adopta este titulo, contém as novellas que mais agradaram ao traductor; algumas, porém, d'estas eccentricas creações, apparecem em todos os traslados.

Taes são, por exemplo, *Martim o tanoeiro de Nuremberg*; *Mademoiselle de Scudéry*, onde entre as galas da cõrte de Luiz XIV. apparece o vulto sinistro de Cardillac, o assassino; *A banca, ou a felicidade ao jogo*, em que se pinta esta paixão com as mais vivas côres; *Salvator Rosa*, mistura do sublime e do burlesco, como só Hoffmann seria capaz de ligar; a *Annunziata*, em que se desenrola a tragica historia de Marino Falieri; enfim, o *Canto de Antonia*, e a monomania do conselheiro Krespel, fanatico rabequista.

Todas as mais obras do illustre poeta, teem contudo esse colorido especial, que as torna inimitaveis. Os prodigios de uma imaginação exaltada, brilham igualmente no *Vaso de oiro*, sublime divinisação do poeta; no *Morgado*, em

(*) De num. 13.

cujas paginas, segundo a feliz expressão de L. Spach, se respira o ar frio do Baltico, passeiando sobre uma costa arida, porém vivificada pelo sopro da poesia; no *Elixir do diabo*, longa composição de um genero sombrio, que o proprio autor condemnou como perigosa, pela sensualidade que n'ella predomina; nas *Minas de Falun*, conto sueco de tragico desenlace; nos *Retratos d'après nature*, aonde tão bem se pintam as paixões; na *Porta entaipada*, que nos arrasta com uma deliciosa curiosidade até á sua derradeira pagina; no *Reflexo perdido*, uma das mais extravagantes e graciosas concepções do autor; no *Rei Trabacchio*, cujas aventuras deixam a perder de vista as invenções da terrivel Anna Radcliffe; na *Cadêa dos destinos*, excellente scena comica da vida real; no *Coração de agatha*, cujo heroe é de uma excentricidade só imaginada por Hoffmann; em *Coppelius*, historia maravilhosa, onde se admira o seu talento no estylo epistolar; em *Bertholdo-o-louco*, supremo esforço de combinações phantasticas; nas *Aventuras do joven Traugott*, que é ao mesmo tempo um formoso drama, uma galeria de retratos, um quadro de paizagem, e um curioso esboço da vida commercial; na *Fascinação*, onde se discute o magnetismo e os sonhos, fallando pela bocca dos seus personagens a imaginação escandecida do autor; no *Mysterio da casa deserta*, cujo titulo, por si só, indicaria sufficientemente o genero da obra, ainda que não tivesse na frente o nome de Hoffmann; nas *Scenas da noite*, especie de gravura, onde os objectos claros destacam sobre um fundo negro; nas *Estranhas misérias de um director de theatro*, resumo das observações feitas pelo antigo chefe d'orchestra sobre o palco e entre os bastidores; nas palestras dos *Irmãos de Serapião*; na inimitavel historia do ministro *Cinabre*; na *Princesa Brambilla*, e finalmente no *Mestre Pulga (Meister Floh)*, ultima obra completa do autor, que reproduz, com algumas modificações, a idéa motriz do *Vaso de oiro*.

Depois da morte de Hoffmann, ainda Hitzig publicou duas novellas ineditas, que deixara aquelle grande genio: *A janella de sacada*, e *A cura*; e a sua viuva deu ao prelo cinco volumes de *Miscellanea*, extrahidos de papeis avulsos que encontrou.

Ficou por acabar um livro, que tinha por titulo — *Exposição summaria do gato Murr ácerca da vida, e fragmentos da biographia do mestre de capella João Kreissler, achados por acaso em papeis de embrulhar*. — Kreissler era, como dissemos, o proprio Hoffmann; e Murr, o seu gato querido, que elle transformou em philosopho, era um ente real, creado em sua casa, e que vinha muitas vezes instalar-se, sem cerimonia, sobre a carteira de seu dono, e até sobre o papel em que elle escrevia. Perdendo este amigo irracional, em 1820, deu parte do acontecimento ao seu amigo racional Hitzig, na seguinte carta:

«Em a noite de 29 para 30 de Novembro, depois de uma curta, mas cruel enfermidade, o meu discipulo querido, o gato Murr, adormeceu para passar a melhor vida. Ainda não tinha quatro annos. Não posso dispensar-me de noticiar esta perda aos meus amigos e protectores. Quem conheceu Murr apreciará a minha dôr, e saberá respeitá-la.»

N'esse mesmo anno traduziu Hoffmann a opera franceza *Olympia*, para a qual Spontini compozera a musica.

O seu derradeiro trabalho litterario, que a morte lhe não deixou acabar, foi uma novella, intitulada *O Inimigo*, que elle dictou já no leito da agonia.

Eis em summario, quanto o comporta a estreiteza dos limites de um jornal litterario, uma noticia das obras do profundo escriptor, que faz o objecto d'este nosso humilde estudo.

Rico com o producto da venda dos seus livros, Hoffmann, que odiava o geral dos homens, pelo muito que lhe tinham feito soffrer, quiz gosar da possivel independencia, fugindo quanto podia do contacto de falsos amigos. De manha preenchia regularmente os seus deveres de magistrado, mas apenas vinha a noite, se não concorria ao *club de Serapião*, dirigia-se á taberna, aonde passava longas horas de isolamento. Preferia este passatempo, altamente censurado, ás reuniões da melhor sociedade de Berlin, para onde era convidado sempre, e solicitado com instancia.

N'aquella atmospheria de fumo, que elle contribuia para se tornar mais densa, via Hoffmann um mundo de phantasticas aparições. Deslumbrado pelo narcotico do tabaco, e pelas bebidas alcoolicas, esvasiando alternadamente uma taça de cerveja ou um copo de *rudenheim*, chegava a um grau de exaltação, que o seu cerebro se povoava de estranhas chimeras. Quando descia d'estas regiões sobrenaturaes, era para notar sobre a terra os typos mais excentricos, os caracteres mais singulares. Seguia os originaes, e surprehedia-lhes as feições moraes e physicas, por mais difficeis que fossem de apanhar. Implacavel para com os pedantes, folgava de os ridicularisar no meio de um grande auditorio, provocando estrondosas gargalhadas. Quando julgava impotente a palavra, reproduzia com o lapis o seu pensamento; e mostra-se ainda hoje, n'uma taberna de Berlin, uma colleção de desenhos, inspirados pelos caprichos d'aquella imaginação excitada.

«Enchei-lhe a taça de espumoso vinho de príncipes; apresente ella os aureos reflexos do Johannisberg, e a imaginação do poeta dispara a galope, como o corcel que arrebatava a Leonor de Burger. Apoz elle se arremessa em carreira doidejante todo esse turbilhão de seres phantasticos, que o seu cerebro creou, e que apparecem, apenas evocados pelo grande genio, aproximam-se, crescem, e perfilam-se ante o poderoso senhor. É um drama que elle cria entre o ceo e

a terra; é o seu mundo, povoado de entes que só o poeta conhece.

«Enchei-lhe a taça de Johannisberg, e o seu pensamento, tantas vezes recalado pelas aridas occupações do trabalho quotidiano, magoado tantas vezes pelo contacto de perdidas crenças, illuminar-se-ha de um magico clarão. Alarga-se a scena, e todas as artes vem com o seu contingente dar-lhe brilhantismo. A pintura traz as suas côres vivas e variegadas; a musica as suas vibrações que sobresaltam e pungem; a poesia os seus mais intimos thesouros.

«Enchei-lhe a taça de Johannisberg, e vereis a vida real, misturando-se com as phantasias do drama. Avança e n'esse terreno, desconhecido para vós, por entre esses personagens que nunca haviéis encontrado em outro logar, e que todavia pareceis reconhecer: as mais disparatadas emoções vão surprehender-vos e fascinar-vos!.....»

Da physionomia poetica, quasi sobrenatural do autor dos *Contos phantasticos*, desçamos a esboçar a physionomia do homem, como simples mortal. Servir-nos-hão de guia as biographias publicadas por Hitzig, e Loeve-Weimars.

Hoffmann era pequeno de corpo, tinha o nariz fino e arqueado, os beiços delgados, a tez biliosa, e cabellos quasi negros, que lhe cobriam a fronte. Seus olhos pardos, nada tinham de notavel, quando se fixavam tranquillamente sobre qualquer objecto, mas em casos excepcionaes denunciavam astucia e zombaria com seu continuo pestanejar. O corpo, apesar de magro, parecia de boa constituição, e o peito era largo e elevado. Durante a mocidade, vestia-se com apuro, mas sem excesso de tafularia. Depois gostou muito de vestir a sua farda de conselheiro, ricamente bordada, e que lhe dava a apparencia de um general francez.

Hoffmann tinha uma mobilidade extraordinaria de gestos, que augmentava ainda, quando elle fazia uma narração. Fallava com muita volubilidade, e como a sua voz era naturalmente rouca, havia difficuldade em comprehendel-o. De ordinario, usava de pequenas phrases e periodos soltos na conversação; mas quando fallava de bellas-artes, creava enthusiasmo, e a sua locução tornava-se fluente e harmoniosa.

Hoffmann lia mal; quando chegava as passagens de mais effeito, assumia um tom guindado, e passeiava olhares prescrutadores sobre o auditorio, como para se assegurar que era comprehendido.

Difficultosamente se ligava amizade com este homem excentrico, mas tambem não era facil rompê-la, porque elle queria muito aos seus amigos. Não gostava da sociedade das mulheres, principalmente *des femmes savantes*, que o faziam sair, inclusivamente, dos limites prescriptos pela civilidade ao mau humor. Se alguma *dama-autor* tinha a desgraça de vir sentar-se ao pé d'elle, á mesa, e começava a dirigir-lhe a palavra, Hoffmann pegava no seu talher, e ia sentar-se na extremidade opposta. Quanto aos

homens, dava a preferencia aos que o divertiam, isto é, aos que contavam aneddotas com chiste, aos falladores de imaginação viva, e tambem áquelles que mostravam prazer em ouvir os seus arrazoados. Em sua casa, Hoffmann era por extremo amavel com as visitas; n'aquelle recinto supportava, com uma paciencia evangelica, todas as extravagancias e disparates, que o obrigariam a fugir em diversas circunstancias. O seu genio era assaz variavel; ás vezes a boa disposição de espirito levava-o até ao excesso da alegria; outras vezes o *spleen* arrastava-o a uma inconsolavel tristeza.

Hoffmann era constantemente dominado por uma idéa, que de alguma sorte explica a extravagancia das suas obras. Tinha a convicção profunda de *que o mal se occulta sempre atraz do bem*, ou, como elle dizia, *que o rabo do diabo se entremette em tudo*. Continuamente flagellado por presentimentos funestos, via em roda de si, quando escrevia, todas essas pavorosas figuras que apparecem nos seus romances e nos seus quadros: era tão forte a illusão, que chegava muitas vezes a acordar sua mulher, pelo meio da noite, pedindo-lhe que se sentasse a seu lado, e com os olhos abertos, enquanto elle trabalhava!... O homem que se ria das bombas á claridade do dia, tinha medo de sonhados phantasmas no silencio da noite. Extravagante aberração da natureza humana!

Poucos poetas teem existido tão identificados com os personagens das suas obras, como Hoffmann; quer pinte com energia as mais horrosas scenas, quer folgue com as loucas creações das suas satyras e caricaturas. Este ente excepcional não tinha a menor predilecção pelas proprias obras, aonde as duas qualidades distinctivas do seu espirito se não reproduziam; d'este numero era o *Tanoeiro de Nuremberg*, avaliado por muitos como a sua melhor producção.

Hoffmann havia estudado os grandes poetas, mas não se occupava demasiado com a leitura, e importava-se muito pouco com as novidades litterarias da epoca. Buscava o objecto dos seus contos na propria imaginação, em velhas chronicas, ou nas observações da sociedade que frequentava. Despresava o juizo critico dos periodicos, e rara vez lia algum jornal. Só dos amigos apreciava as reflexões sobre as suas obras.

Deus não permittiu que o honrado conselheiro gosasse por muitos annos da felicidade domestica, e dos applausos dos seus admiradores. As miserias do passado tinham quebrado as suas forças. Aos quarenta annos começou a sentir ataques de paralytia nas extremidades; e depois, uma horrivel doença, o *tabes dorsalis*, veio roubar aos seus amigos toda a esperanza de o possuirem por muito tempo.

Durante cinco mezes soffreu Hoffmann uma agonia horrivel. No dia 24 de Janeiro de 1822, em que se celebrou pela ultima vez o anniversario do seu nascimento, ouviu elle citar a uma

das pessoas que o rodeavam, este verso de Schiller:

«*Não é a vida o melhor bem, decerto.*»

E exclamou:

«*Não! não!... Viver!!... Com tanto que se viva, pouco importam as condições!...*»

O sensualista, que tanto saboreava o Tokai e o Johannisberg, o observador poetico da natureza, o caprichoso satyrico, o amigo dos homens de merito, sentia fugirem-lhe todos os seus gosos!

Prolongaram-lhe a vida por alguns dias, usando de um tratamento horrivel: o ferro em brasa applicado aos dois lados da columna vertebral. Quando Hitzig entrou no seu quarto, momentos depois da dolorosa operação, Hoffmann perguntou-lhe — se não sentia o cheiro de carne assada! — e começou a contar-lhe, detalhadamente, o processo de que usara o medico, concluindo por dizer — que o tinham *sellado*, para que não entrasse no paraíso como objecto de contrabando.

Emfim, no dia 25 de Junho do mesmo anno, tendo dito ao medico: — Vou ficar livre em pouco tempo, porque já não soffro... — deixou effectivamente de soffrer, inclinando a cabeça sobre o seio de sua inconsolavel esposa, e murmurando estas derradeiras palavras:

«*É preciso pensar em Deus!*»

Tinha quarenta e seis annos d'idade.

Toda a Alemanha o chorou; e a posteridade venera a sua memoria, como poeta, como pintor, como musico, como magistrado, como bom amigo, e como cidadão probo.

Paz ás suas cinzas.

F. M. BORDALO.

TORRE DO CASTELLO DE ALNWICK.

Na pequena cidade de Alnwick em o Northumberland ha um castello memoravel na historia de Inglaterra. A nossa gravura mostra a torre da poterna, porta falsa ou postigo que é uma das dezeseis que flanqueiam a muralha do castello; a parte superior serve agora de museu de armas e armaduras antigas, e a inferior é um laboratorio.

O assedio mais notavel que o castello sustentou foi no reinado de Guilherme Rufo, sendo briosamente defendido por Mowbray, conde de Northumberland, contra o assalto dos Scotos commandados por Malcolmo III; estando, porém, a guarnição a ponto de render-se um soldado raso tentou livral-a. Saiu fora armado e a cavallo, levando as chaves da fortaleza penduradas da sua lança, e apresentou-se ao rei em postura supplicante como para entregar-lhe as chaves; Malcolmo adiantou-se a recebê-las e o soldado lhe jogou um bote de lança direito ao coração. O soberano caiu redondamente morto; o soldado aproveitando a confusão que se seguiu,

arremetteu á corrente do rio que ia muito caudaloso, e atravessando-o alcançou a salvo a fortaleza. O príncipe Eduardo, primogenito do rei, avançando temeraria e precipitadamente para tirar vingança da morte do pae, caiu tambem mor-

talmente ferido, e fálhou a empresa. A tradição deu ao soldado audaz o nome de Hammond, e o sitio onde elle passou o rio, junto da ponte que existe hoje, é chamado «o vau de Hammond.»

M.



TORRE DO CASTELLO DE ALNWICK.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

POR

ANTONIO DE LACERDA.

Conclusão. *

VII

Au siècle où nous vivons, l'horison de l'art est bien elargi. Autrefois le poete disait : le public; aujourd'hui le poete dit : le peuple.

V. Hugo — Préface de «Angelo.»

Traçado, ainda que pobremente, e com defeituosas linhas, o enredo e urdidura do drama — *Fazer fortuna*, — cumpre-nos agora, segundo promettemos, dizer a nossa opinião sobre a idéa que presidiu á sua composição, o modo porque foi desinvolvida e os instrumentos que obtiveram este resultado. Em resumo: *escrever-lhe a critica*, phrase que bem nos custou a proferir; porque sabemos quantas inimidades mesquinhas, ou despeitos, mais mesquinhos ainda, acobertados com a ridicula pretensão de conselho e tutoria não pedidos, nem desejados, veem ahi para a imprensa, alardeando justíças, traduzir desforras, ou servir compadres.

(*) Do num. 52 de vol. antecedente.

Todavia, quem escreve este estudo, posto que longe de se suppor isempto de parcialidade, está convencido de que hade trilhar sempre estrada opposta. Na grande praça da publicidade ha lugar para todos. Grandes vultos e intelligencias minimas todos ahi podem contar com um sitio, onde desassombrados recebam a animadora luz do grande sol da inspiração; e se alguns ha, que apesar dos seus esforços todos, tiritam de frio, e sentem gelar-se-lhes o sangue, não é porque a projecção visinha os envolva em trevas, mas porque a frieza propria é tão intensa, que resiste a qualquer calor, por mais forte que seja, como as suas intelligencias resistem e se oppõem á comprehensão de qualquer idéa, por mais simples de natureza.

Vivam embora como melhor lhes aprouver. Contentem-se com a sua pequenez, ou, imitando o cego que negava as côres, reajam impotentemente contra o crescimento alheio que os acobarda; que não seremos nós quem os arranque a uma illusão tão doce, nem lhes procure converter o transviado animo.

Outro assumpto nos prende, e esse bem ou mal, agrade ou não a quem quer que seja, leval-o-hemos ao cabo como pudermos; não sem tropeçar repetidas vezes no caminho, mas orgulhosos ao menos por não pedir a cyreneo algum, por mais pintado que elle fôr, accrescimo de forças, para a conclusão do nosso trabalho.

Toda a composição dramatica, mais que ne-

outra, exige a demonstração de um principio, ou o desinvolvimento de uma idéa, que seja como um coração de que o corpo todo tire sangue, ou como um cerebro que lhe dê sentimento e acção.

Tirem-lh'o e desaparecerá o drama. Sem o pensamento originario, primitivo, radical de todo o contexto, origem de qualquer peripecia, poder-se-ha escrever tudo, menos uma obra, que satisfaça ás condições theatraes e ás exigencias das plateas. A pintura terá chiste e graça como uma composição de Hogart; terá critica e verdade como uma satyra de Boileau, terá amêndade e mimo como uma virgem de Raphael, se tanto quizerem; mas faltar-lhe-ha o que n'estas concepções todas excite, a conclusão final, a inducção requerida dos principios apresentados, a resolução do problema, o pensamento moral que Lafontaine tirava mesmo das suas fabulas todas, posto que despreziosas em si, e singelas no seu correr.

Difficilmente se tornará a escrever um livro em que a mais fina critica, a maior ligeireza de toques, a suprema perfeição de desenho se liguem á maxima correcção de phrase e á maior elegancia de estylo, como a — Voyage autour de ma chambre — de Xavier de Maistre: e todavia se d'ali se pretendesse deduzir uma comedia em tres ou mais actos, o trabalho seria sobre esteril impossivel, o successo desastrosissimo, e o abandono geral o premio de semelhantes porfias.

O celebre — Que est ce que cela prouve? — do mathematico distincto proferido tantas vezes pelos centenares de espectadores, que a novidade do titulo attrahe aos theatros, explica bem o desamparo da scena portugueza: na tenacidade de proposito, com que se pretende costumar o gosto de muitos ás inclinações de poucos, quem sabe se os melhor esclarecidos, está a causa dos dissabores a que se sujeitam os sectarios de uma escola, se o é, que não apraz, nem interessa os frequentadores dos theatros.

Os homens que se sentam nos bancos das plateas desejam, que lhes acatem as preferencias, como os que vão pela primeira vez a casas alheias estimam, que acquiesçam aos seus desejos; uns e outros, se são contrariados, abandonam a casa e o theatro; e diga-se o que se quizer, a comedia ou o drama em que a palavra simplesmente substitue a acção, e o dialogo não accidentado suppre a peripecia, não são do gosto do publico, nem podem convidal-o a comparencia.

Molière consultando Laforêt deixou sobejá lição aos seus seguidores nas lides theatraes. O illustre escriptor tinha comprehendido, havia muito, que uma composição dramatica destinada unica e exclusivamente a deliciar um serão litterario, ou a enlevar um concurso de homens de letras, seja embora um primor d'arte, traje imponente de grandeza as vestes roçagantes da tragedia grega, ou a airosa tunica da comedia, se não tivesse a *approvação suprema* d'esse tribu-

nal tremendo, que se chama — o publico, — poderia fazer pasmar as gerações futuras apregando o talento do seu autor; poderia figurar com honra nas prateleiras de uma bibliotheca ou sobre a mesa de um gabinete de leitura; mas não conseguiria nunca esse viver especial, ephemero talvez como as trevas da noite, que um raio de sol do seguinte dia dissipa, fascinante e mentiroso embora como as scenas do theatro, mas o unico e exclusivo, que deve levar em vista o homem que procura apresentar a sua idéa ás turbas agrupadas e pendentes da sua palavra, e que deseja não ver o antojo apoderar-se da assemblea, nem os regelos das solidões arrefecer-lhe os commettimentos dos seus trabalhos.

Se o orador, que muitas vezes se acha incendiado pelo fogo sagrado do genio, alquebrado pelas fadigas e pelo estudo, illuminado pelo resplendor da complacencia publica, procura ainda captar e prender a attenção ou as tendencias de seus ouvintes, e fallando-lhe a energica linguagem dos affectos busca leval-os apoz de si, tratando de sentir e de animar-se para lhes communicar sentimento e animação; se todos os que aspiram á publicidade se curvam perante a vontade soberana do publico, que por si, e só por si, construe e derruba reputações, para que hade o autor dramatico por um systema especial impor-se ás maiorias, e do alto do seu throno mais ou menos seguro paraphrasear o dito historico de Luiz XIV clamando: — o gosto, o genero, a arte, a litteratura, a sciencia e o mundo sou eu.

A resposta levou alguns annos a escrever; todavia mais tarde ao som dos canhões e ao estridor do desabar de um throno de seculos, o povo gravava nas ruinas da Bastilha, em réplica vehemente ao amante de madame Maintenon, esta antiphase solemne: — o estado e o poder sou eu.

Quem sabe se o publico, trabalhando todos os dias na resposta, lhe escreverá um dia a ultima palavra abandonando o theatro de todo aos amadores do genero? Quem sabe se então uma geração nova, surgindo como em 89, sem se saber d'onde, lançará por terra os thronos quasi caducos dos reis do theatro?...

Mas cedendo a uma pecha maldita iamo-nos afastando insensivelmente do ponto principal; iamos escrevendo uma critica litteraria socialista ou humanitaria, que decerto nos viria acarretar maldições bem merecidas dos criticos das criticas. Uma vez em caminho as tendencias levavam-nos para o trilho preferido, e depois ver-nos-hiamos obrigados a retroceder, sem o que, attribuindo-nos intenções que não tivemos, ir-nos-hiam considerar um propagador de certas doutrinas, e que por já terem produzido aos que as professavam o mais que lhes poderiam produzir, se deixam para um canto, como uma farda velha que se envergou outr'ora para dar maior luzimento e valor á pessoa que a trajava, e que se expunha em almoeda.

Fazer fortuna tem um grande pensamento fundamental, a ~~condenação~~ da escravatura, que se desinvolve e prova pelo modo e systema que aproximadamente deixámos ver no decurso d'este trabalho. Um dos mais vastos e propicios acha-se ahi tratado pela melhor forma que seria para desejar, attendendo ás dimensões de uma composição dramatica.

Baseado em antagonismos e antinomias, o autor pinta-nos primeiro o quadro de felicidade, que desvairadas ambições hão de annuear em breve; leva-nos depois a presenciar os horrores e infamias todas d'esse trafico inhumano, e quando nos tem carregado essas perspectivas hediondas, reconduz-nos ao ponto d'onde tínhamos partido, e faz-nos sentir as tristes consequencias da emigração por desejos de riquezas, na transmutação e mudança das alegrias e socegos em inquietações e tristezas.

Deixaremos em paz os preceitos da arte antiga sobre unidade de logar e tempo, tantas vezes citados fora de proposito, e tantas vezes calçados pelos que se dizem maiores veneradores seus. Para nós a unidade de logar acha-se conservada. Os tres actos intermedios são como a narração animada d'aquelles horrores e desventuras feita por um personagem qualquer, venerando pelos conhecimentos e pela idade. São, permita-se-nos a phrase, a palavra em movimento, o discurso em acção; como um sonho, ou uma visão, que sobreviesse a Emilia no momento de abandonar a casa paterna.

Assim corre naturalmente o drama em todo o seguimento. O desenlace é preparado pouco a pouco, e de forma que se a arte e o effeito scenico ganham immenso, a logica e a naturalidade nada perdem. Tudo está calculado, não ha precipitação nem demora; o andamento é regular sempre, combinado e perfeitamente deduzido.

Quando se censurou no *Fazer fortuna* a pouca razoabilidade do abandono da casa paterna da parte de Emilia, levou-se mais em vista exercer rigores mal cabidos e pouco legitimados, do que fazer justiça. A ambição, talvez de todos os sentimentos o que a maiores loucuras nos leva, que attingindo o immenso e o sublime em Napoleão e em Alexandre os obriga a derramar o sangue a torrentes, e a destruir milhões de homens; ou confragando-se nas acanhadas proporções do ridiculo em Empedocles impelle a commettimentos sobre loucos infructiferos; a ambição, aquecida e favorecida pela pessoa, que maior dominio exercia sobre a protagonista, tirando d'essa pessoa mesmo o apoio de um exemplo palpitante e concludente; a ambição, germinando aquecida pelos ardores desenfreados de uma imaginação exaltada, será porventura motor de menos força do que o amor ou o ciume, que tantas vezes afastam dos lares paternos os animos superexcitados que os abrigam e recolhem?

Ninguem de boa fé o poderá contestar; a ambição, que das paginas da historia (talvez nem

uma só deixe de lhe servir) tira argumentos em favor da sua força, só pode ser combatida por um outro sentimento de igual alcance se não superior; mas esse, o amor, que de má fé ou por ignorancia se disse dever ligar Emilia á casa paterna, era o que na verdade não existia.

Emilia não cuidava nos requebros de Manuel; uma ou outra vez, se para elle se voltava, era quando, bem natural estímulo em mulheres, se sentia preferida, e soffria quebra no amor proprio ao ver o seu arrojado mostrando alguma predilecção por sua irmã mais nova. Fora d'isso coração e alma tinha-os ella de gelo, para que bem verdadeiro lhe fosse o character, e para que se conhecesse bem na obra do poeta a reprodução de tantos outros vultos que os annaes das nações conservam, onde a ambição, creando raizes e desinvolvendo-se á larga, abafa e destroe qualquer outro sentir, que porventura procurasse crescer-lhe ao lado.

É ao que não attenderam os criticos, que não são elles homens que attendam a similhantes bagatellas, e como de costume desfeizaram a composição com defeitos, que só provinham da sua cabeça, e se não devoraram, como Saturno, os proprios filhos, trataram pelo menos bastante de os flagellar e corrigir.

Não é este o defeito do drama. Tem-n'os elle, porém de tal natureza, que por insignificantes mal se apercebem, nem são para se mencionar, quando as bellezas os occultam pelo seu numero e magnitude.

O desenho dos caracteres é talvez uma das perfeições da composição, e que outro não fôra, o de Berenyce erguendo-se superior, com a magestade dos grandes vultos da tragedia, valeria por si só um titulo de mestre ao poeta que o creou.

Largo de mais vae este trabalho; a indole da publicação em que tem apparecido não se presta a maiores desinvolvimentos. Concluí-o-hemos pois pedindo ao autor, malqueiram-nos embora os criticos, nos dê muitas composições d'esta ordem, para que nós, os que não vemos as obras dramaticas de tão alto, possamos estudar e aprender.

R. PAGANINO.

SAUDADES.

É quanto pode
Do desterro enviar-te um pobre filho.
A. HERCULANO.

Ó minha formosa terra,
Terra do meu coração!
Logares da minha infancia,
Minha pobre habitação!
É por vós esta saudade,
Esta dôr, esta anciedade,
Que faz meu peito estalar!
É por vós que eu amo tanto,
Que sinto correr meu pranto,
Sem uma esp'rança gosar!...

Sois vós a terra encantada,
 Dos meus sonhos infantis!
 A mais bella, a mais formosa
 Das terras do meu paiz!
 Ai! de quantas alegrias,
 Eu gosava n'esses dias,
 Que tão cedo vi passar!
 Quando ainda não pensava,
 Que os logares que adorava
 Eu havia abandonar!...

Deixei-os!... oh! quem me dera
 Esquecer idéa tal!

Quem olvidar-te pudera
 Ó minha terra natal!

Que não havia o tormento,
 Que sinto n'este momento,
 Meu peito dilacerar!
 Esta dôr igual á vaga,
 Que incessante a praia alaga
 Sem nunca poder findar!...

Foram tempos bem ditosos
 Os que outr'ora ali gosei!

Foram dias venturosos,
 Que não mais olvidarei!
 Quando a vida ali passava
 Nem sequer imaginava,
 Que existisse o padecer!
 Mas ha muito estava escripto
 O meu destino maldito,
 Para um dia inda soffrer!...

Que me importam os prazeres
 Que esta terra em si contém,
 Se estancar elles não podem
 O pranto que aos olhos vem!
 Se eu trocara essa grandeza,
 Esplendor, luxo e riqueza,
 Que ante mim vejo passar,
 Por essa aldêa isolada,
 Onde em rustica morada
 Vi a infancia deslizar!...

É aqui mui bella a lua,
 É formosa a noite aqui;
 Mas ainda é mais formosa
 Lá na terra onde nasci!
 Aqui brilhantes estrellas,
 Sempre puras, sempre bellas,
 Lá no ceo a scintillar;
 Mas o ceo da minha terra,
 Outros encantos encerra,
 Que eu não posso aqui achar!...

Mil flores aqui se encontram
 Em variado jardim!

Todas ellas são mui lindas,
 Mas não as quero p'ra mim!
 Todas tem varios odores,
 Seduzem as suas côres,
 Seu delicado matiz!
 Mas as flores que eu lá via,
 Achava-lhes mais valia,
 Tornavam-me mais feliz!...

Ó minha formosa terra,
 Terra do meu coração,
 Logares da minha infancia,
 Minha pobre habitação!
 Possa um dia ainda ver-vos,
 Minha vida offerecer-vos,
 Meus dias ahí findar!
 Possa eu ter a ventura,
 D'encontrar a sepultura,
 Onde o berço fui achar!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

MEISSEN, E A INVENÇÃO DA PORCELANA.

Meissen é uma cidade da Saxonia Superior, na provincia da Misnia, da qual foi capital. Foi erigida em bispado no anno de 952, e Buchardo, capellão do imperador Othon, foi o seu primeiro prelado. Foi primitivamente cidade do bispo, e passou depois a sel-o do eleitor de Saxonia.

Entre as suas poucas raridades de que um escriptor nosso falla nas *Memorias das suas viagens*, vem a seguinte, a que verdadeiramente podiamos chamar uma extravagancia:—«Se não é praça fechada Meissen, tinha as portas fechadas quando aqui cheguei; porém abriram-se umas para entrar, e outras para sair ao toque da corneta do postilhão. Não foi possivel informar-me d'esta eeremonia, porém é coisa mui digna de riso ver abrir estas portas por um soldado descalço, e em camisa, que faz a guarda dormindo na cama. Parece-me um moço de mulas abrindo a porta de uma cocheira, nem mais nem menos.»

Effectivamente este inusado modo de metter sentinella não depõe muito em favor do serviço militar da guarnição de Meissen, e a cidade saxonia seria olhada com desprezo pelos rigoristas da disciplina marcial, se ella não tivera um titulo especial á consideração dos homens de commercio. É a sua fabrica de loiça de porcelana, cuja bondade de pintura, e excellente invenção de a doirar, lhe dá preferencia á do Japão. Deveu-se esta notavel fabrica á direcção de um certo alchimista, que depois de enganar a muitos fez crer em Polonia, que elle tinha o verdadeiro segredo de converter em oiro todos os metaes. O rei para se segurar da sua pessoa o mandou encerrar no castello de Kunigstein, a tres milhas de Dresde; porém o alchimista, em lugar de fazer ali o oiro solido que promettia, inventou a fragil porcelana, que não deixa de satisfazer de alguma sorte ao seu empenho, pois que pelo grande commercio que com ella se faz entra quantidade de oiro no paiz.

O vaidoso nunca chegará a ser sabio; mas muitos sabios chegam a ser vaidosos.